

O feminino de amor

“Eu sempre fui Amora, nunca tive outro nome nem uma opção caso fosse menino”, conta a advogada e professora Amora Nogueira Oliveira, 34. O nome já estava escolhido desde a adolescência de sua futura mãe, a terapeuta ocupacional Fernanda Nogueira, 63.

Na juventude, Fernanda ouviu que alguém tinha esse nome e se encantou. Na hora decidiu que quando tivesse uma filha, esse seria seu nome. Para ela, a palavra era ainda o equivalente a uma forma feminina de amor, que é o significado que mãe e filha carregam e contam até hoje.

Amora sempre gostou de seu nome e conta com afeto sobre o significado atribuído por sua mãe. Na adolescência, aconteceu com ela o mesmo que a grande maioria das pessoas com nomes diferentes, piadinhas sem graça e algumas que passavam do tom.

Isso fez com que ela, por um breve período, tivesse um pouco de vergonha quando perguntavam seu nome ou na hora da chamada quando todos olhavam para ela, que sempre foi mais tímida.

Mas o desconforto não era grande e, como ela costumava ignorar, logo as brincadeiras perdiam a graça e desapareciam. “E mesmo assim, eu nunca tive um problema com meu nome ou quis mudar, essa vergonha era coisa de fase mesmo”, comenta.

Amora conta que sempre se sentiu muito única e gosta da sensação. E, embora, atualmente o nome tenha se tornado mais popular e na escola em que dá aulas conheça três crianças que são suas xarás, ela acredita que na sua idade, segue sendo inédita.

“Me encaixo com meu nome, sinto que é minha cara e quem eu sou. Nunca pensei em mudar, mas quando me perguntam que nome escolheria, não consigo pensar em nada que me represente tão bem”, revela.

Fotos: Arquivo pessoal



“ Me encaixo com meu nome, sinto que é minha cara e quem eu sou. Nunca pensei em mudar, mas quando me perguntam que nome escolheria, não consigo pensar em nada que me represente tão bem ”

Amora Nogueira Oliveira, professora

Indecisa, Amora ainda não tem nomes em mente para seus filhos, mas a ideia é que eles comecem com a letra A, inicial que divide com a irmã caçula, Alice. A ideia é manter o A e dar um nome diferente, mas não tão incomum ao ponto que possa causar desconfortos para as crianças. “Quero que, assim como o meu, eles tenham uma potência e um significado especial”, completa.

